

**TEXTO E (PRE)TEXTO NA ANÁLISE DO DISCURSO****Carla Barcelos Nogueira Soares**

Mestranda em Cognição em Linguagem na Universidade Estadual do Norte Fluminense  
Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil  
carla10soares@gmail.com

**Denise Saleme Maciel Gondim**

Doutoranda em Políticas Sociais na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy  
Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil  
degondim@gmail.com

**Andrea Hammini Pires da Silva Avila Franquetto**

Mestre em Cognição e Linguagem na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy  
Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil  
andreakhadijja@gmail.com

**RESUMO**

Este estudo tem como principais bases teóricas os trabalhos de Sirio Possenti, Dominique Maingueneau e Jacques Lacan. O estudo justifica-se pela teoria estruturalista que apresenta o sujeito do discurso como assujeitado e tem como finalidade responder às seguintes perguntas: que fator linguístico novo é introduzido na tirinha para passar o mesmo enunciado de um texto jornalístico? Como o autor da tirinha usa a *parole* (fala)? Qual efeito que o novo enunciado da fala do outro transmite ao interlocutor (alunos do ensino médio)? Assim, analisamos o discurso do O/outro a partir de um texto jornalístico e de uma tirinha que abordam uma problemática social da região sudeste. Tais textos foram apresentados a alguns alunos do ensino médio com o objetivo de registrar o que interpretaram e compreenderam deles. Através dos registros dos discentes, analisamos o discurso do sujeito assujeitado não só sob a ótica discursiva, mas também através do conceito de inconsciente na psicanálise. Este artigo não pretende esgotar o tema, no entanto fornece considerações sobre o discurso do sujeito e o papel do O/outro inserido no discurso.

**Palavras-chave:** Outro. Sujeito. Linguagem.

**TEXT AND (PRE) TEXT ON THE SPEECH ANALYSIS****ABSTRACT**

This study's main theoretical basis of the work Sirio Possenti, Dominique Maingueneau and Jacques Lacan. The study is justified by the structuralist theory that presents the subject of discourse as subjugated and aims to answer the following questions: What new language factor is introduced into the strip to pass the same statement of a journalistic text? As the author of comic uses the *parole* (speech)? What effect the new wording of the speech of the

other transmits the caller (high school students)? As soon, we analyze the speech of the O / other from a journalistic text and a strip that address a social problem in the southeast region. Such texts were presented to some high school students in order to record what interpreted and understood them. Through the records of students, we analyze the speech of the subject subjugated not only in the discursive point of view, but also through the concept of the unconscious in psychoanalysis. This article does not intend to exhaust the subject, however provides considerations on the subject of the speech and the role of O / other inserted into another speech.

**Keywords:** Other. Subject. Language.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um texto pode se apresentar de diversas formas usando linguagem verbal, não verbal ou mista. É através da codificação e decodificação de um texto que se pode analisar o discurso que está por trás dele, avaliando os dados e a forma em que a língua está sendo empregada, podendo registrar desde as emoções de um poeta até as problemáticas do cotidiano. Sob o viés de Kleiman (2013), para analisar um texto se faz necessário compreender os elementos formais que concretizam seu significado. Essa mesma autora elucida, ainda que o texto é considerado por alguns especialistas como unidade semântica onde os vários elementos de significação são materializados através de categorias lexicais, sintática, semânticas, estruturais (KLEIMAN, 2013, p. 49).

As teorias do discurso fazem parte das ciências da linguagem. Alguns autores compreendem o campo da linguagem como uma aproximação da concepção clássica e positivista da ciência, outros como um saber científico no sentido não clássico e há ainda aqueles que a consideram uma reflexão que não lhe permite um estatuto de cientificidade dominante na epistemologia tradicional. Nesta última abordagem, a linguística pode ser concebida como uma espécie de estudo experimental, descritivo e interpretativo, sem a intenção de explicar os fenômenos no sentido estrito da compreensão cognitiva.

Neste artigo, utilizaremos uma reportagem a respeito de um fenômeno social da atualidade objetivando analisar os discursos inseridos no texto. A abordagem teórica escolhida será a análise do discurso (AD) que é uma disciplina que procura pensar a relação entre um lugar social e uma certa organização textual. Fundamentado em uma perspectiva interdisciplinar, o campo da AD foi inaugurado pelo francês Michel Pêcheux e teve inúmeros seguidores tanto na França como no Brasil.

A análise do discurso é um campo influenciado pela psicanálise que tem como pressuposto o discurso do sujeito do inconsciente. A psicanálise, ao afirmar o desconhecimento do sujeito, sublinha a incompletude da língua, e isso não deve ser entendido como ignorância, e sim à própria atividade do sujeito.

Pêcheux e Fuchs (1997) propõem sua abordagem da AD baseado: 1) no materialismo histórico e dialético, já que se trata de uma teoria das transformações sociais; 2) na própria

linguística que é uma teoria dos mecanismos sintáticos e dos projetos articulados por uma teoria da subjetividade; 3) e na teoria do discurso no sentido das determinações históricas dos processos semânticos.

Tanto na AD quanto na psicanálise, o sujeito não é concebido como objeto do empirismo, não podendo, portanto, ser reduzido a categorias de classificação. Ou seja, o sujeito é singular, diferenciado da condição de um indivíduo. Neste sentido AD e psicanálise devolvem ao sentido da linguagem sua opacidade, e ao sujeito sua singularidade.

A análise do discurso nos permite mais que ler um texto. Ela proporciona uma visão social e histórica do que está sendo mencionado e, além disso, compreender o papel do sujeito, do eu e do outro no discurso. Sob o prisma de Possenti (2009, 51), o discurso nunca é originário do eu, mas de um outro (discurso). Neste trabalho, além do texto jornalístico será analisado o discurso de uma tirinha com o mesmo tema, investigando sua origem no discurso do outro, já que ao enunciar algo através de tirinha está sendo produzido um novo enunciado. Com base no material do discurso do outro, objetiva-se responder as seguintes perguntas: que fator linguístico novo é introduzido na tirinha para passar o mesmo enunciado de um texto jornalístico? Como o autor da tirinha usa a parole (fala)? Qual efeito que o novo enunciado da fala do outro transmite ao interlocutor (alunos do ensino médio)?

Lacan (1985, p. 401) chama a atenção para a diferença entre o outro e o outro: “O outro que não é outra coisa nenhuma, já que ele é essencialmente acoplado com o eu, numa relação sempre reflexiva, intercambiável – o ego é sempre um alter-ego.” Na teoria lacaniana, a imagem do pequeno outro é a própria imagem antecipada do eu – o eu é aspirado pela imagem do outro, semelhante a si – o outro do laço social. Já o outro (*autre*) é mítico e da ordem do significante, da linguagem, do inconsciente e revela o ponto de origem do sujeito – sua espécie, sua linhagem, sua cultura, sua família – o inserindo numa linha de ascendência e de descendência.

Para responder às questões propostas, foram selecionados um texto jornalístico e uma tirinha. A escolha dos textos foi baseada em acontecimentos atuais. Os textos foram analisados por alunos do ensino médio objetivando verificar a análise do outro (esses interlocutores) na tirinha. Neste trabalho, partiremos do pressuposto de que o sujeito é

assujeitado uma vez que está imerso em um sistema social e político elaborando seu enunciado para um público (outro) que está inserido neste contexto.

## 2 PARADIGMAS LINGUÍSTICOS E ANÁLISE DO DISCURSO

Os estudos da linguística inserem-se em duas grandes tradições científicas que correspondem a dois grandes paradigmas: o formalista e o funcionalista. O primeiro privilegia a estrutura interna da língua, e o outro, cada vez mais forte na atualidade, objetiva relacionar o linguístico e o social. Ilari (2004) explicita que, de acordo com Ferdinand de Saussure, os fenômenos linguísticos possuem um caráter formal embora reconheça a importância de considerações de natureza etnológica, histórica e política. Saussure (2006) propõe uma oposição entre língua (*langue*) e fala (*parole*): a língua é geral, comum aos indivíduos de uma comunidade falante, em oposição à fala que é individual, composta por elementos variados e não homogêneos. Assim, o objeto da linguística é a língua, na medida em que não varia de uma situação de comunicação para outra, nem de um falante para outro. Esta posição de Saussure (2006) formalista inicialmente, indica que a forma existe fora do uso e não depende dele.

Outro exemplo de formalismo é a posição de Noam Chomsky que propõe um padrão abstrato que explique, além das sentenças que já existem, que alguém já pronunciou, mas também todas as sentenças possíveis na língua. A hipótese é que as línguas são a manifestação de uma capacidade inata para a linguagem. Esta é uma perspectiva biológica, em que o ser humano teria um aparato genético capaz de desenvolver a linguagem (ILARI, 2004).

Já na perspectiva funcionalista, a língua é considerada uma forma de interação social que se realiza por meio de enunciações: um produto sócio histórico. Sua análise tem como base o princípio de que as funções externas à linguagem influenciam a estrutura gramatical das línguas. O funcionalismo enfatiza a relação entre forma e função e considera a língua como uma estrutura que só pode ser explicada levando em conta a comunicação (VOTRE; NARO, 1996). Para o funcionalismo não há separação entre *langue* e *parole*.

Como o presente artigo trata da análise do discurso, torna-se importante descrever o que é considerado um discurso. Foucault (2005, p. 135) salienta que o discurso é um conjunto de enunciados que decorrem de uma mesma formação discursiva e que o mesmo é “[...] histórico, fragmento da história, unidade e descontinuidade na própria história”. As palavras, segundo esse mesmo autor, só têm sentido dentro de certas formações discursivas (FDs), ou seja, os seus sentidos serão totalmente diferentes de acordo com a FD em que estiverem inscritas. Uma formação discursiva aparece quando um número de enunciados puderem ser agrupados e definidos por um certo princípio de regularidade, seja ele de objetos, conceitos, tipos de enunciação ou escolhas temáticas. Para Foucault:

Não há enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. [...] Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências. (FOUCAULT, 2005, p. 114).

A análise do discurso (AD) nasceu a partir da proposta *Pecheutiana* de fundir a língua, o sujeito e a história. O que importa para a análise do discurso (AD) não é simplesmente explicar o que contém em um texto ou quais informações o constituem próprio das teorias da informação, mas, sim que os enunciados fazem parte da história de cada sujeito e que isto se vincula a uma formação discursiva específica. A AD rompe com o conceito de sentido dos enunciados como algo estático, assim como ele é descrito nos dicionários. Para isso é necessário olhar para a história, para os acontecimentos e os discursos produzidos na e pela história. Isso possibilita compreender suas formações, suas relações com grupos sociais e, conseqüentemente, com as ideologias que interpelam tais discursos.

A AD em sua terceira fase tem como representante a linguística Authier-Revuz (1990; 2004) que declara que o sujeito é constituído a partir de sua exterioridade, e demonstra que um discurso nunca nasce do nada, ele surge em meio a outros discursos. Um discurso traz outros em si, ele é “produto de interdiscursos”. Ora, um sujeito se constitui no meio social por meio da linguagem em suas mais variadas formas. Essa linguagem é exterior ao indivíduo e, portanto, conforme diz Authier-Revuz “no sujeito e no seu discurso está o outro” (1990, p. 26) e:

Face à pretensão – espontânea ou teoricamente conduzida – do sujeito como fonte autônoma do sentido que comunica através da língua, abordagens teóricas diversas têm mostrado que toda fala é determinada de fora da vontade do sujeito e que este “é mais falado do que fala”. Este “de fora” não é o que, inevitavelmente, o sujeito portador de um sentido encontraria e em função do qual se determinariam as formas concretas de sua existência e aquela de seu discurso; está no exterior ao sujeito, no discurso, como condição constitutiva de existência. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26)

Possenti (2009, p. 82), também, ratifica tal posição frente à constituição da linguagem, apesar de incluir o próprio sujeito como determinante de seu próprio discurso. Os discursos vêm sempre de outros discursos, que lhe são prévios, e que são retomados de formas diversas (citados, desmentidos, aludidos, ou até, na forma extrema, desconhecidos – tratados como não existentes).

### 3 A PROBLEMÁTICA SOCIAL NO DISCURSO DO TEXTO JORNALÍSTICO

A sociedade brasileira enfrenta várias dificuldades ao longo da história que são registradas na imprensa cujo objetivo é informar à população os acontecimentos, instruir o leitor, elevá-lo a uma mudança de comportamento, formando, assim, opiniões a respeito dos diversos problemas sociais. A consistência dos argumentos transmite veracidade à matéria fazendo com que o leitor se posicione refletindo criticamente sobre os fenômenos sociais.

Em seguida apresentamos os fragmentos de um artigo de Fabio Leite e Rafael Italiani, publicado no jornal o Estado de São Paulo:

#### **Rodízio de 4 dias sem água para 2 com pode ser adotado em março**

Segundo o 'Estado' apurou, o cenário de 5 dias sem água por semana, sugerido pelo diretor metropolitano da SABESP, é 'inviável'.

Um rodízio de 4 por 2 (quatro dias sem água e dois com) é a saída mais provável que está sendo estudada pela companhia de saneamento básico do estado de São Paulo (SABESP) para tentar evitar o colapso completo do sistema Cantareira. Técnicos do governo Geraldo Alckmin (do partido PSDB) defendem que a medida seja adotada na Grande São Paulo já a partir de março, caso a seca no maior manancial paulista continue crítica no próximo mês. Oficialmente, a SABESP afirma que não há nenhuma definição sobre rodízio.

Segundo o Estado apurou, o rodízio de 5 por 2 cogitado nesta semana pelo diretor metropolitano da SABESP, Paulo Massato, é considerado “inviável” dentro da própria companhia do ponto de vista operacional. A medida poderia deixar moradores de bairros mais altos continuamente sem água, conforme explica Jorge

Giroldo, especialista em engenharia hidráulica e professor da Fundação Educacional Inaciana (FEI). [...]

As declarações feitas por Massato, ao lado do governador Geraldo Alckmin (PSDB) durante um evento na grande São Paulo, na terça-feira, teriam, segundo pessoas ligadas à companhia, o objetivo de chocar a população com o cenário mais pessimista e reduzir os danos para a provável implementação de um rodízio severo, porém, “menos drástico”. [...]

Se fevereiro deste ano for igual ou pior do que o do ano passado, quando a vazão afluyente ficou 87% abaixo da média mensal, o colapso do Cantareira seria iminente e só poderia ser evitado ou adiado com a adoção de “rodízio drástico”, no qual a SABESP deve reduzir para ao menos 10 mil litros por segundo o volume de água retirado das represas, ante os atuais 14,6 mil litros por segundo.

Neste cenário, técnicos do governo defendem que o rodízio já seja adotado em março, o último mês do período chuvoso. O objetivo seria fazer o nível do Cantareira voltar a subir, o que não acontece desde abril de 2013, evitando, assim, o uso de uma terceira cota de 41 bilhões de litros do volume morto do sistema, e estocando o máximo possível de água para atravessar a estiagem, até outubro. [...]

Nesta quinta-feira, 29, o estado revelou que o rodízio de dois dias com água e um dia sem proposto há um ano pela SABESP e vetado pelo governo teria resultado em uma economia de 120 bilhões de litros em 2014, ou 4,2 mil litros por segundo. De acordo com a SABESP, a economia alcançada com a redução da pressão e com o bônus aos consumidores foi maior no período. Em nota, a SABESP informou ontem que não há definição nem se haverá racionamento de água e uma “eventual decisão sobre o tema será comunicada de maneira transparente e com a devida antecedência” à população. (LEITE; ITALIANI, 2015, não paginado).

O texto jornalístico apresentado aborda a escassez de água (problemática social) e o provável rodízio que poderá acontecer em São Paulo. Os autores do texto (sujeito) introduzem evidências que dão credibilidade ao texto, das quais podemos citar: exemplos de rodízios e principais consequências; testemunho (por meio de terceiro que comprova o que está sendo anunciado); fato notório (quarto parágrafo). Com isso, o outro (leitor) se posiciona oralmente ou através da escrita discutindo o assunto e, assim, criando vários tipos de discursos para retomar o tema. Sob o olhar de Maingueneau (1997), isto constitui uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma representação do mundo. A problemática dos atos de linguagem, atos de fala ou ainda atos do discurso mostrou que toda enunciação constitui um ato (prometer, sugerir, interrogar etc.) que visa modificar uma situação. Em nível superior, esses atos elementares se integram em discursos de um gênero determinando (um panfleto, uma consulta médica, um telejornal) que visam produzir uma modificação nos destinatários (MAINGUENEAU, 2004, p. 54).

Vejamos o discurso de uma tirinha em que o autor comenta o mesmo tema do texto jornalístico acima, no entanto, a priori a intenção é brincar com o assunto, provocando humor.



Tirinha 1: Rodízio de água



Fonte: (UOL NOTÍCIAS, 2015)

Esta tirinha – uma modalidade de texto – exemplifica a ação a partir do discurso do outro. Ao produzir um texto misto usando figuras e palavras, pode-se afirmar que o autor quer interagir com o outro a partir de duas perspectivas: a primeira sob a ótica de elaboração das falas das personagens e do cenário em que elas estão inseridas que tem relação com o discurso do outro no texto anterior; a segunda se refere ao outro (interlocutor) já que, na criação das tiras, o autor faz uma crítica levando este interlocutor a refletir sobre as condições político e social em que o texto está inserido.

#### 4 O SUJEITO DO INCONSCIENTE

O sujeito do inconsciente, sujeito desejante, é estruturado como uma linguagem. Para Lacan (1986, p. 22), o inconsciente é “estruturado em função do simbólico [...] O inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem”.

Nas formações do inconsciente há um compromisso entre o desejo e a censura: um significante recalcado encontra meios de vir à tona associando-se de forma cifrada a outros significantes. Os sonhos, os lapsos e os chistes funcionam desse modo – via processos de linguagem. Lacan (2005, p. 148) explica que “há por trás de todo lapso”, por exemplo, “uma finalidade significante”.

A alteridade do simbólico – seu aspecto exterior, estrangeiro, social – é captada pelo conceito de grande Outro, o Outro simbólico, expresso na álgebra lacaniana por um A maiúsculo, abreviatura de *Autre* (LACAN, 1985, p. 276). Em suma, “essa exterioridade do

simbólico em relação ao homem é a própria noção de inconsciente”. Na medida em que a castração (simbólica) e a linguagem são fenômenos sociais, o inconsciente, que surge a partir da castração e se articula com base na linguagem, também transcende a esfera individual. “O inconsciente é o discurso do Outro”, diz a frase célebre de Lacan. Em um fenômeno como o lapso, por exemplo, uma mensagem que estamos tentando transmitir é interrompida bruscamente por outra mensagem, vinda do inconsciente, que age como um Outro que nos habita. Um Outro que é “estrangeiro a mim, embora em meu coração” (LACAN, 1986, p. 87).

No discurso do leitor do texto, o outro passa a ser sujeito assujeitado, na concepção estruturalista, já que elabora seu enunciado com base no discurso do Outro e aborda o tema de forma diferente. Enquanto o primeiro passa a informação baseando-se em evidências que dão consistência ao texto, o segundo usa elementos criativos e parece brincar com a situação, percebe-se que o tema rodízio é tratado no sentido de oferecer água revezando seu múltiplo estado ora com gás, ora normal, ora em forma de gelo, etc., provocando, assim, humor. O que chama a atenção, também, é a estrutura física do restaurante, não é por acaso o tipo do sofá e a compostura do garçom: representando a elite que tem acesso e domínio dos bens de consumo entre eles a água. Possenti (2009, p. 17) pondera que Kress elucida que um texto revela sua organização ideológica (isto é, revela um discurso) na seleção e organização de sua estrutura sintática.

Pode-se afirmar, então, que a linguagem verbal e não verbal da tirinha demonstra que a intenção discursiva do autor não é apenas humorística, há uma denúncia da problemática social em que o autor (sujeito assujeitado) pretende transmitir ao interlocutor (também sujeito assujeitado) de forma lúdica o que foi transmitido pelo Outro. Neste caso, através da linguagem da imprensa, divulga-se o que está acontecendo no cenário político e social no tange ao consumo de água. Como o outro representa um sujeito assujeitado, o papel do Outro é crucial na elaboração de seu discurso.

## 5 ANÁLISE DISCURSIVA DA TIRINHA

O artigo do jornal e a tirinha foram apresentados a um grupo de alunos do ensino médio com o objetivo de escreverem comentários interpretativos sobre o material. Consideramos que esses discentes representam o outro (interlocutor). A seguir estão os comentários mais significativos.

1º - percebo um desperdício de água, pois na mesa da mulher há todos os tipos de água e ela segura dois tipos diferentes. É como se o texto estivesse dizendo que a classe mais favorecida continuará consumindo água e desperdiçando.

2º - a frase do último quadrinho retrata uma surpresa de um fato no cotidiano, no lugar de rodízio de pizza ou carne, teremos rodízio de água. O homem de pé parece tranquilo ele representa o governo que tem o controle da água.

3º - é como se a tirinha fosse um pré-anúncio que chegará um momento em que a água ficará concentrada nas mãos dos poderosos e só poderá consumi-la quem puder pagar por ela.

4º - a tirinha mostra que a escassez é tanta que até água de torneira e pedra de gelo estão sendo valorizados.

5º - o oferecimento de vários tipos de água significa que as pessoas estão criando diversas maneiras de vendê-la. A admiração da personagem no quinto quadrinho é uma crítica do autor sobre o rodízio de água em São Paulo. O garçon representa o governo que controla a água.

6º - a expressão “que loucura” representa o desperdício de água no passado e escassez atual.

7º - A tirinha satiriza a realidade da região sudeste, o garçom representa o governo que administra a água. O entusiasmo da cliente transmite de forma irônica como a população vai lidar com a distribuição de água.

8º - na tirinha a água se tornou um bem raro, um artigo de luxo.

9º - água sendo tratada como ouro.

Pode-se perceber que os comentários dos alunos sobre a tirinha foram baseados nas informações do texto jornalístico, isto porque houve um esforço inconsciente para tratar o tema da tirinha coerentemente sob a ótica político-social. Percebe-se, então, que o texto

jornalístico forneceu um conhecimento prévio e atual sobre rodízio de água. A análise do discurso dos alunos mostrou que:

- a) Sendo os alunos de escola pública e, provavelmente, pertencentes a uma classe social menos favorecida, a visão deles é que os que têm dinheiro terão acesso mais fácil à água;
- b) Eles entendem que a autoridade do governo é preponderante aos anseios da sociedade, isto é, negligencia suas necessidades. Provavelmente esses alunos já sofrem os transtornos em sua vida familiar e pessoal causados pela falta de investimento público em diversas áreas da sociedade. Pode ser também que eles consideram o conceito de autoridade algo inquestionável;
- c) Eles observam que há uma valorização de tipos de água até então descartadas pela sociedade, como água de torneira e gelo;
- d) Como estes alunos estão inseridos em uma sociedade onde a violência, a corrupção e os valores morais fazem parte do seu cotidiano, eles consideram que o rodízio de água é uma forma perversa de tirar proveito da escassez, criando várias formas de vender água;
- e) De modo geral, entendemos que todos os discentes teceram críticas ao desperdício de água no passado e no presente e suas consequências danosas à sociedade.

Diante do exposto, nota-se que o objetivo do sujeito (o autor da tirinha) foi atingindo, já que o enunciado promoveu no outro (interlocutor) muito mais que humor, pois foram detectados inúmeros problemas de uma realidade social. Sendo assim, pode-se afirmar que o humor que o texto em análise transmite é apenas um pretexto para chamar a atenção do outro (interlocutor) e levá-lo a pensar no contexto social em que a tirinha foi construída. Antunes sustenta que:

Escrever é, como falar, uma atividade de interação, de intercâmbio verbal. Por isso é que não tem sentido escrever quando não se está procurando agir com o outro, trocar com alguém informação, alguma ideia, dizer-lhe algo, sob algum pretexto. Não tem sentido o vazio de uma escrita sem destinatário, sem alguém do outro lado da linha, sem uma intenção particular. (Antunes, 2005, p. 28).

Assim, o processo de produção do texto (tirinha) induz ao outro (interlocutor) a refletir sobre a problemática social da região sudeste por meio de um discurso irreverente sobre o tema. Quando o outro (interlocutor) decodifica o texto, e o faz a partir de seu inconsciente, ele percebe que o contexto social serviu de pano de fundo para formulação da tirinha e consegue interpretar e compreender o texto criticamente. Ao se posicionar sobre o texto em questão esses interlocutores (alunos do Ensino Médio) passam a ser sujeito de seu discurso, contudo o enunciado transmitido por estes sujeitos está submetido ao discurso do outro (texto jornalístico) e ao Outro – meio político, social e econômico – em que está inserido. Pode-se perceber, então, que o trabalho do eu (sujeito do discurso) atua sobre o trabalho do outro e desta forma, podemos classificá-los como sujeitos assujeitados. Possenti (2009, p. 48) traz à lume que o sujeito não é uno, ou seja, o discurso que produz não é um produto exclusivo de um pretense sujeito uno e não submetido a condições exteriores.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O formalista e o funcionalista constituem os dois grupos que balizam a linguística. Para Saussure (2006) há oposição entre a língua (*langue*) algo generalizado e a fala (*parole*) algo individual. Tal posicionamento aponta para uma forma existente fora do uso e outra independente. O formalismo, de acordo com Noam Chomsky, está no padrão abstrato da existência das sentenças. Sob a ótica funcionalista, a língua é concebida como algo que pertence à interação social, não havendo um corte entre *langue* e *parole*.

O conjunto de enunciados históricos que perpassa a mesma formação discursiva é denominado por Foucault (2005) de discurso. Michel Pêcheux, ao propor fundir a língua, o sujeito e a história, concebe a gênese da análise do discurso (AD) que quebra o paradigma de conceituar o sentido dos enunciados como algo estático, assim como ele é descrito nos dicionários. Authier-Revuz (1990; 2004) representa a terceira fase da análise do discurso que elucida que o discurso emerge em meio a outros discursos e que o outro está no sujeito e no seu discurso. Possenti (2009), além de concordar com Authier-Revuz (1990; 2004), constitui o próprio sujeito como determinante de seu próprio discurso.

Importa mencionar, ainda, que a informação chega à sociedade por meio de textos nas suas diferentes estruturas e, para cada fato anunciado, existe uma intenção do escritor. No fragmento do artigo publicado no jornal o Estado de São Paulo, a escassez de água está em voga e os autores do texto usam argumentos para sustentar a ideia principal a fim de levar o leitor a se posicionar sobre o assunto discutido na matéria. O mesmo tema é abordado na tirinha, porém com tom de ironia. A intenção do produtor deste material é levar o leitor a pensar nas condições político e social de modo lúdico.

Cabe ponderar, também, que a linguagem estrutura o sujeito do inconsciente. Lacan (1986, p. 87) explicita que “o inconsciente é o discurso do Outro” que é “estrangeiro a mim, embora em meu coração”. Assim, no discurso do leitor do texto, o outro passa a ser sujeito assujeitado, na concepção estruturalista. A distinção no modo de abordagem do mesmo tema nos dois textos apresenta um sujeito assujeitado e o papel do Outro (leitor) é de suma importância na elaboração de seu discurso.

Ao trabalhar ambos textos com estudantes do Ensino Médio, percebemos que os comentários deles sobre a tirinha foram apoiados no texto jornalístico e que a interpretação desses leitores está em consonância com o contexto sócio-econômico em que vivem. Ante ao que foi desenvolvido neste material, vale explicitar que, ao decodificar um texto, o outro (interlocutor) parte de seu inconsciente e quando ele interpreta o texto passa a ser sujeito de seu discurso. Todavia o enunciado transmitido pelo interlocutor está subjugado ao discurso do outro (texto jornalístico) e ao Outro – meio político, social e econômico – em que está inserido.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade enunciativa**. Campinas: IEL, 1990. (Cadernos de estudos linguísticos, 19).

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. *In*: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. *In*: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 15. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

LACAN, J. **O Seminário Livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. Texto original publicado em 1975.

LACAN, J. **O seminário, livro 2**: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. Texto original publicado em 1978.

LACAN, J. **Le séminaire, livre XXIII**: le sinthome. Paris: Seuil, 2005.

LEITE, F.; ITALIANI, R. Rodízio de 4 dias sem água para dois pode ser adotado pela Sabesp em março. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 fev. 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise do Discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Tradução: Bethânia S. Mariani et al. 3 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

UOL. Falta de água: Charges retratam a crise hídrica do país. **UOL notícias**, [S.l.], 2015. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/album/mobile/2015/01/29/charges-retratam-a-crise-hidrica-do-pais.htm#fotoNav=16>. Acesso em: 20 jun. 2019.

VOTRE, S. J.; NARO, A. J. Mecanismos funcionais do uso da língua. *In*: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (Org.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.